





AUH 237

LabSampa

Sucursal do Grande Hotel

Largo do Café

FAU.USP 2018

Apoiadores:



**Clube Paineiras
do Morumbi**



**SANTA CASA
de São Paulo**

Agradecimentos

Restaurantes e Lojas:

Caffè Latte

Alhambra

Espaço Bancário

Prainha

Mari Mariá

Midori

Maria Mariá

P.A. Concept

Madan

Arquitetos:

Prof. Dr. Artur Simões Rozestraten

Vanessa Kraml

José Alfredo Queiroz dos Santos

Ibrahim Massaru de Borba

Engenheiro Civil:

José Eduardo Pelosi.

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Cátedra Jaime Cortesão



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
FIRENZE

LABSAMPA: O Centro Histórico de São Paulo, História e Preservação
Sucursal do Grande Hotel, Largo do Café
2018

Docentes:

Prof. Dr. Luciano Migliaccio

Prof. Dr. Beatriz Siqueira Bueno

Prof. Dr. Regina Helena Vieira Santos

Monitor PAE:

Rodrigo Luiz Minot Gutierrez

Equipe FAU:

Alexandre Oliveira

Allan Pedro

Ana Marques

Bruna Bacetti

Eduardo Tita

Fabiana Endo

Julia Moura

Laís Stanich

Laura Ribeiro

Letícia Matson

Luísa Lara

Tiago Tibério

Equipe Firenze:

Anastasia Cottini

Chiara Alessi

Matteo Bigongiari

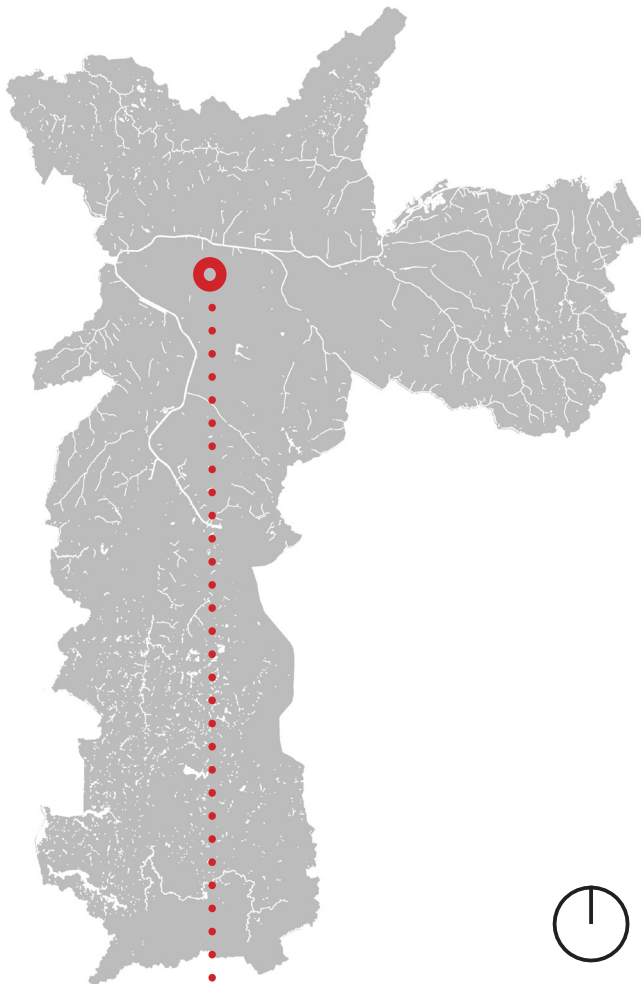
Pietro Becherini

Apresentação

A disciplina optativa de graduação AUH 237 Urbanização e Urbanismo no Brasil, no 20. semestre de 2018, realizou parceria entre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e o Dipartimento di Architettura dell'Università degli Studi di Firenze que resultou numa experiência intitulada LABSAMPA: O Centro Histórico de São Paulo, História e Preservação: Uma experiência de Uso de Técnicas de Levantamento de Arquitetura com foco no edifício da antiga Sucursal do Grande Hotel, no Largo do Café.



Vista do cruzamento entre Rua São Bento e Doutor Miguel Couto



Vista aérea do objeto de estudo - Fonte: Google Earth

Os docentes responsáveis Prof. Dra. Beatriz Piccolotto Siqueira Bueno e Prof. Dr. Luciano Migliaccio, com a colaboração da Profa. Dra. Regina Helena Vieira Santos (Departamento do Patrimônio Histórico do Município de São Paulo – DPH) e do doutorando (monitor PAE) Rodrigo Luiz Minot Gutierrez, conduziram ao longo de 17 aulas atividades mesclando visitas de campo a aulas teóricas e de ateliê, num projeto didático-pedagógico dinâmico e interdisciplinar, que envolveu a participação de 12 alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Escola Politécnica e do Programa de Dupla Formação das duas faculdades, em meio a alunos de pós-graduação e recém-graduados da Università di Firenze, sob orientação do professor Stefano Bertocci: Pietro Becherini, Matteo Bigongiari, Chiara Alessi e Anastasia Cottini. Arquitetos colaboradores externos: Vanessa Kraml, José Alfredo Queiroz dos Santos e Ibrahim Massaru de Borba.

A disciplina, de caráter teórico-prático, visou conjugar trabalho de campo a discussões de método, exercitando tecnologias emergentes de levantamento digital com Laser Scanner 3D para fundamentação de projetos de restauro de prédios históricos.

Com foco no centro histórico da cidade de São Paulo, a disciplina apresentou e discutiu teorias e metodologias para estudo da história da urbanização e da arquitetura nas suas interfaces com a arqueologia e a cultura material, com vistas a instrumentalizar os alunos para a elaboração de projetos de preservação e conservação de edificações e

conjuntos históricos.

Nesse sentido, o edifício da antiga Sucursal do Grande Hotel, projetado em 1907 por Oscar Kleinschmidt para o capitalista Manoel Garcia da Silva, foi eleito como estudo de caso laboratorial para realização do levantamento digital com laser scanner 3D, integrado com levantamento métrico e fotogramétrico, ambicionando-se assim introduzir metodologias e tecnologias emergentes para a documentação histórica urbana e a preservação do patrimônio construído na didática desta faculdade ao nível de graduação como parte da formação profissional do arquiteto.

Os resultados didático-pedagógicos superaram as expectativas. A possibilidade de imersão no centro histórico de São Paulo desenvolveu nos alunos uma mais aprofundada percepção da evolução histórica do contexto urbano e da necessidade do seu

estudo em vista da preservação. O programa mesclou atividades de levantamento de campo concentradas durante a Semana da Pátria a aulas expositivas teóricas prévias e exercícios de ateliê posteriores para conclusão dos trabalhos.

Nas aulas prévias foram tratados estudos de caso semelhantes realizados pelas professoras Beatriz Bueno e Regina Santos em suas pesquisas, bem como realizadas discussões sobre acervos e fontes e palestra do Prof. Dr. Artur Simões Rozestraten sobre métodos de levantamento e trilateração em perspectiva histórica.

Com a chegada dos doutorandos da Università di Firenze realizou-se palestra na Cátedra Jaime Cortesão (DH-FFLCH-USP) para apresentação da metodologia de levantamento digital com laser scanner 3D integrada com levantamento métrico e fotogrametria, voltadas à documentação



Vista da Rua São Bento



Vista da Rua Álvares Penteado

histórica e à atividade de preservação, mostrando-se experiências semelhantes realizadas pelo laboratório do Prof. Dr. Stefano Bertocci na Europa e Oriente Médio. Durante a Semana da Pátria, de 3 a 6 de setembro, manhã e tarde, o grupo transferiu-se ao Centro de SP, sediando-se à Rua de São Bento n. 500, e realizando – para além de promenade guiada com os professores – trabalho de medição do edifício eleito para estudo, aulas de geometria para trilateração, levantamento métrico e com laser scanner 3D, bem como fotografias do edifício, inclusive com o uso de drone.

De volta à USP, no Ateliê Fracarolli, desenvolveu-se uma série de aulas de ateliê (uma delas ainda com a participação dos italianos) para processamento dos dados levantados in situ, desenvolvimento da pesquisa sobre o edifício e preparação dos posters de apresentação dos resultados, envolvendo-se os alunos inclusive nas atividades de design gráfico do layout da exposição e livreto que a acompanha.

Culminou-se com a apresentação oral dos resultados em 29 de novembro de 2018.

Os posters referentes ao levantamento digital 3D foram realizados pela totalidade dos alunos; já os posters sobre o histórico do edifício foram realizados em grupos de 2 a 3 estudantes.



Metodologia

Foi realizada uma imersão de quatro dias no centro de São Paulo, com trabalhos simultâneos de medição e processamento, tanto no edifício estudado, a Sucursal do Grand Hotel, quanto em uma sala de apoio em um prédio na Rua São Bento. Como métodos de aferição in loco, foram utilizados o levantamento métrico com uso de trena, o laser scanner 3D (aparelho de escaneamento digital), e levantamento fotográfico para documentação geral e fotogrametria, que serviram de suporte para a produção de desenhos.

1. Levantamento métrico manual

O levantamento métrico manual com trena foi realizado com o objetivo de apreender melhor o espaço estudado e auxiliar o desenho da planta decorrente do escaneamento digital, que pode possuir falhas. Para diminuir os erros da aferição manual, adotou-se o método de trilateração. Para tanto, a título de referência, elegeu-se um único piso do edifício.

O que é o método de trilateração?

Escolhendo-se um triângulo fundamental cujas medidas serviram de base para todas as outras esse método, conhecido como triangulação, parte da premissa de que cada ponto consegue ser localizado com base nas distâncias entre esse ponto que se quer achar e três outros.

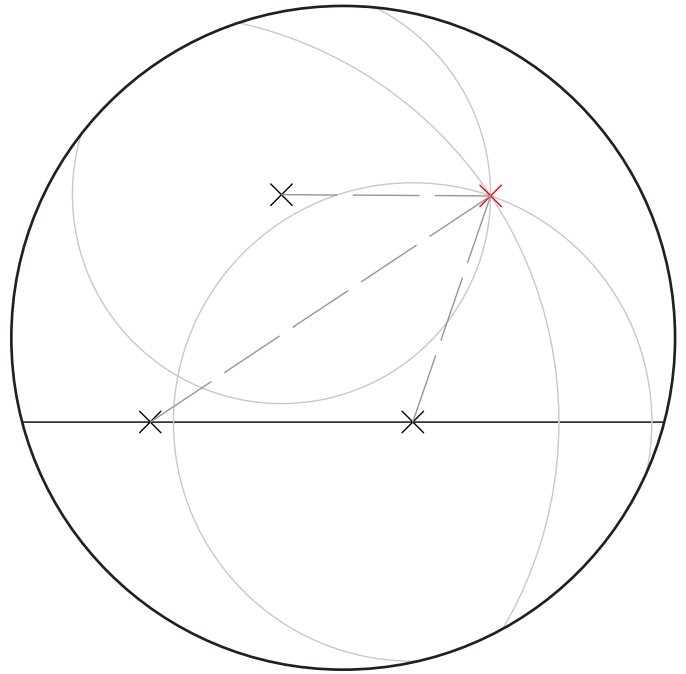
Com a medição realizada in loco, procedeu-se ao desenho da planta em AUTOCAD. Para tanto, elegeu-se como ponto de partida

uma parede (que definiu dois pontos do triângulo principal), tomada como guia para o resto da planta. O terceiro ponto é obtido na intersecção entre dois círculos, cada um de centro em um dos pontos principais, desenhados anteriormente, e raio correspondente à distância aferida.

Para os demais pontos, são utilizados três círculos, com as distâncias referentes aos três pontos do triângulo principal. Na intersecção entre os círculos, surge uma forma similar a um triângulo. A partir das medianas de cada um dos lados desse triângulo, é obtida a estimativa da localização do ponto. Com essa construção, o erro pode ser medido a partir da maior dentre as distâncias do ponto desenhado e os círculos. A partir da experiência que o grupo teve em campo, o levantamento métrico, apesar de proporcionar um bom entendimento do espaço, ocasiona uma taxa maior de erro no desenho.

2. Levantamento com laser scanner 3D > nuvem de pontos > desenho da planta

Para complementar a medição manual por triangulação do interior foi utilizada



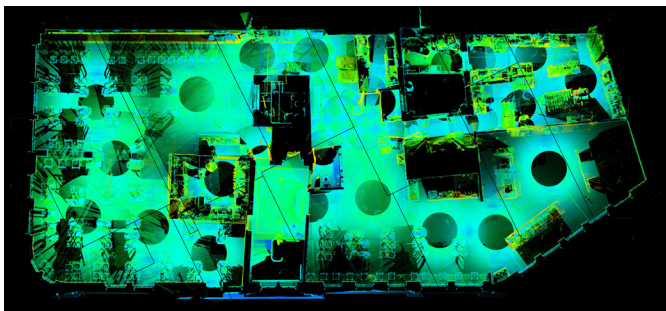
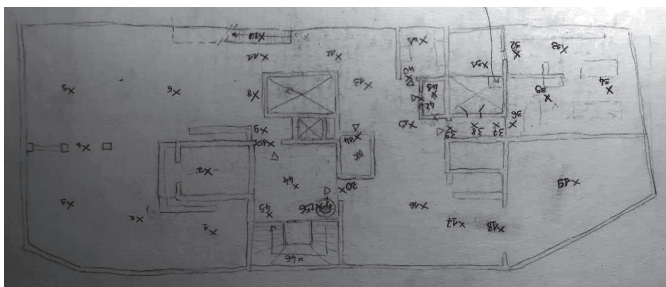


a tecnologia de escaneamento com laser 3D, valendo-se do equipamento Cam2 Focus. Ao contrário da medição manual, o levantamento com scanner contempla a totalidade do edifício.

O que é o escaneamento com Laser Scanner 3D?

Utilizando sinais de laser, o equipamento cria uma nuvem de pontos da área levantada. Assim, várias medições são realizadas em pouco tempo e com alta precisão.

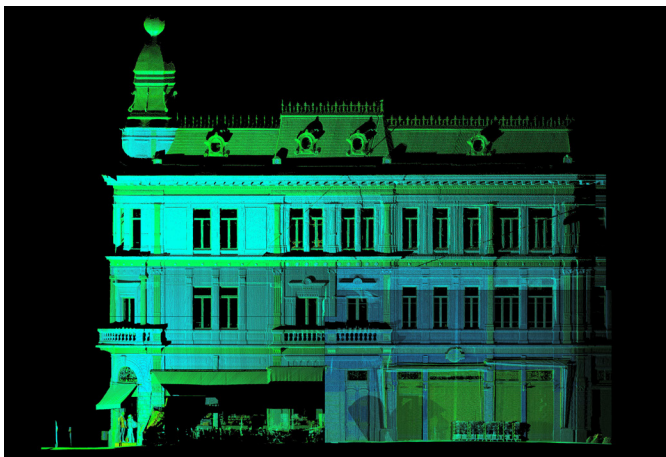
O posicionamento do equipamento é definido a partir da quantidade de informações que poderiam ser obtidas em cada ponto, buscando sempre posições com poucos obstáculos e que pudessem realizar medições dos vértices dos ambientes. Os dados extraídos do scanner foram tratados no software Cyclone e as informações geradas foram utilizadas para a realização de desenhos finais no AutoCad, momento em que as medições em campo são necessárias para a correta interpretação dos dados.



Algumas dificuldades enfrentadas no desenho incluem as escadas, o elevador e as modificações feitas no edifício. Além disso, algumas informações não estão visíveis, como os materiais que formam as paredes e os pisos. Deste modo, algumas informações tiveram que ser especuladas a partir da observação da parte visível, das plantas, dos hábitos construtivos da época e das informações que os proprietários podiam fornecer verbalmente.

3. Fotogrametria + nuvem de pontos = fachada

Para a reconstrução das fachadas, foi realizada a fotogrametria com o software



Photoscan.

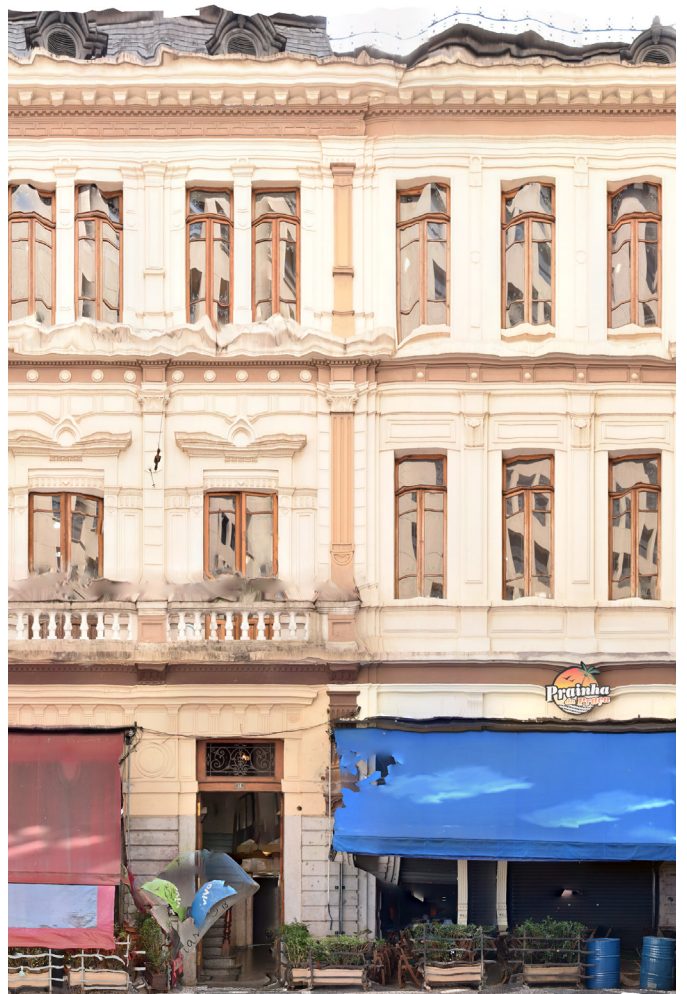
O que é a fotogrametria?

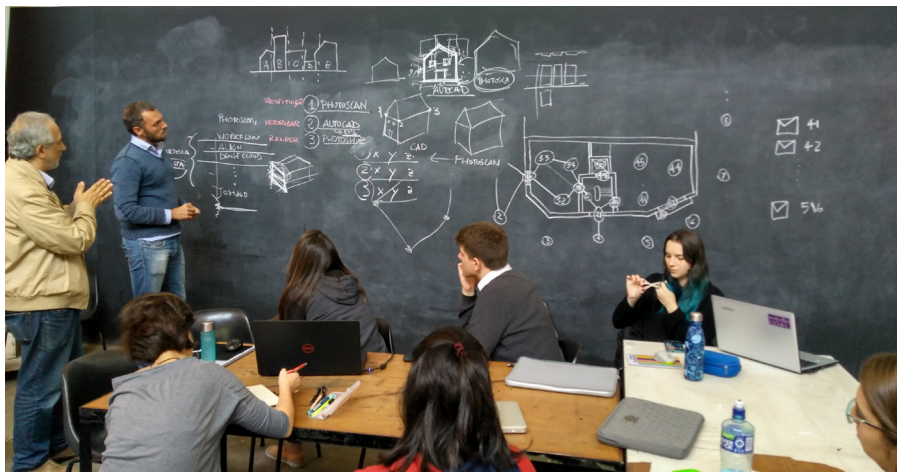
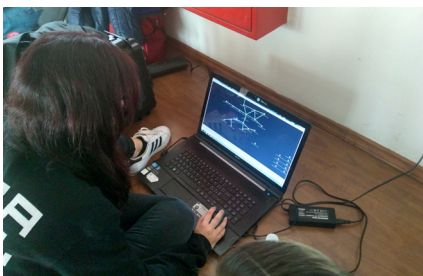
A fotogrametria foi desenvolvida a partir de fotografias sequenciadas, no caso, do exterior do edifício, mantendo-se sempre 50% de sobreposição entre as imagens para evitar distorções e perdas de informações devido a ângulos de visão a partir do chão. A sequência das fotografias permite a restituição geométrica tridimensional dos elementos fotografados. A título de complemento, para as partes inacessíveis da fachada do prédio, foi utilizado um drone Spark DJI.

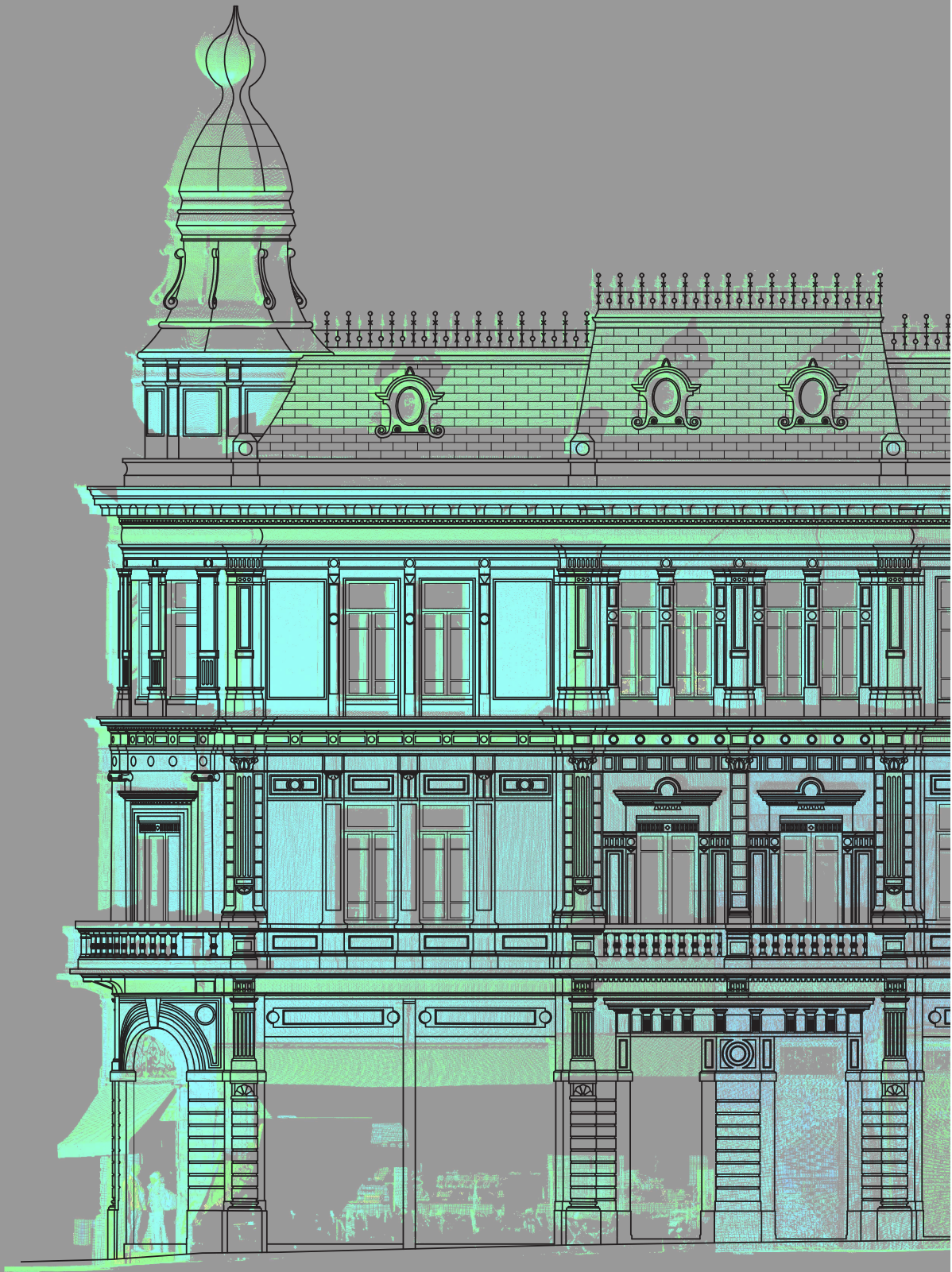
O processamento das imagens e a modelagem fotográfica do prédio foram obtidos por meio do software Photoscan. No método adotado com as fotografias, não foi possível realizar um desenho de alta precisão, pois não prevê a calibragem dos equipamentos utilizados.

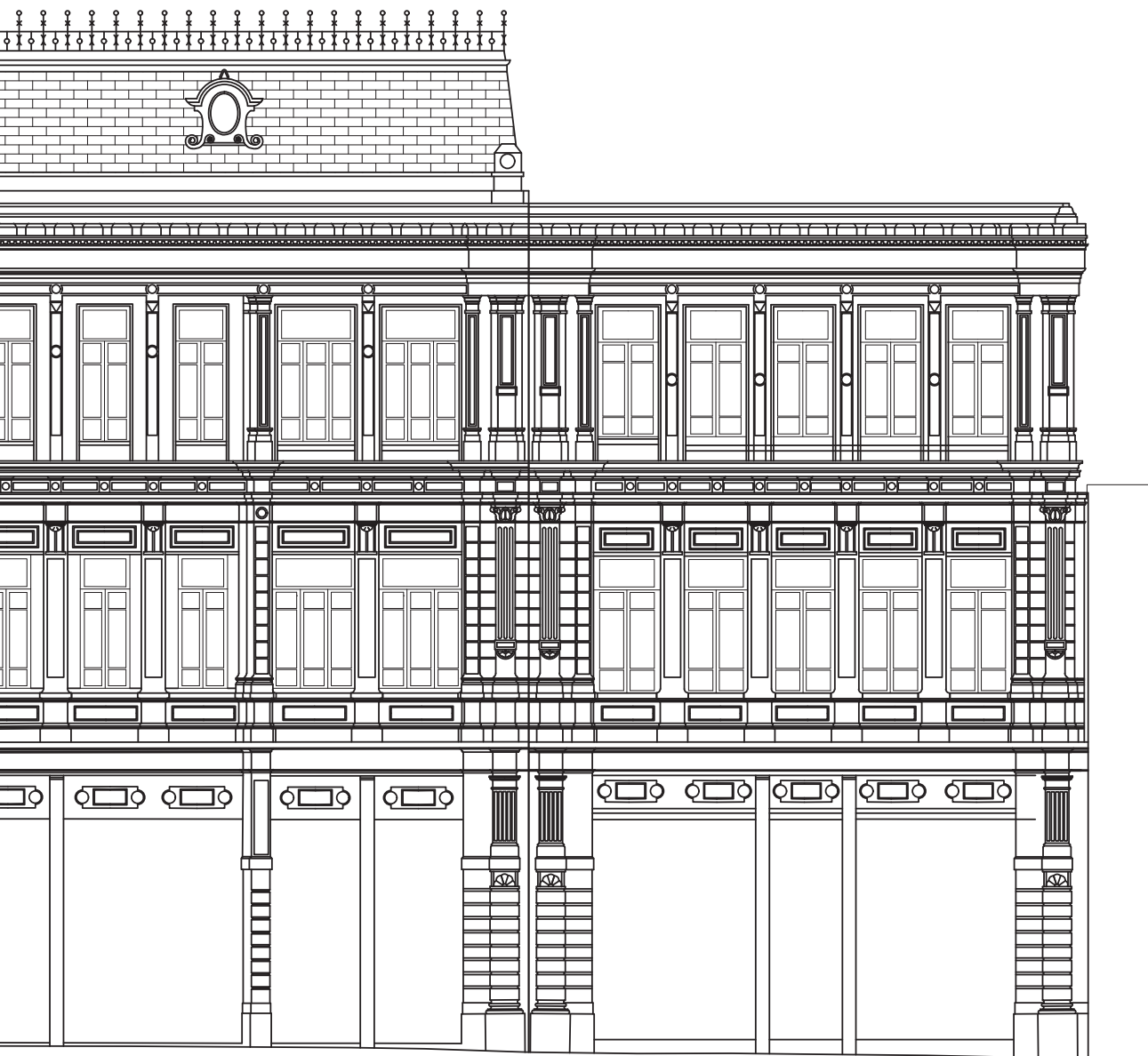
Assim combina-se o modelo obtido com fotografias à nuvem de pontos produzida pelo levantamento com o laser 3D, de forma a precisar as dimensões das partes que compõem a fachada.

Ainda assim, ocorreram alguns erros no desenho, devido às sombras, ou seja, a falta de informações em determinadas regiões que não haviam sido fotografadas, como, por exemplo, a parte superior de beirais e varandas. Para correção dessa falha, foram, então, utilizados programas de edição de imagens, aproximando as zonas sem informações a outras próximas.

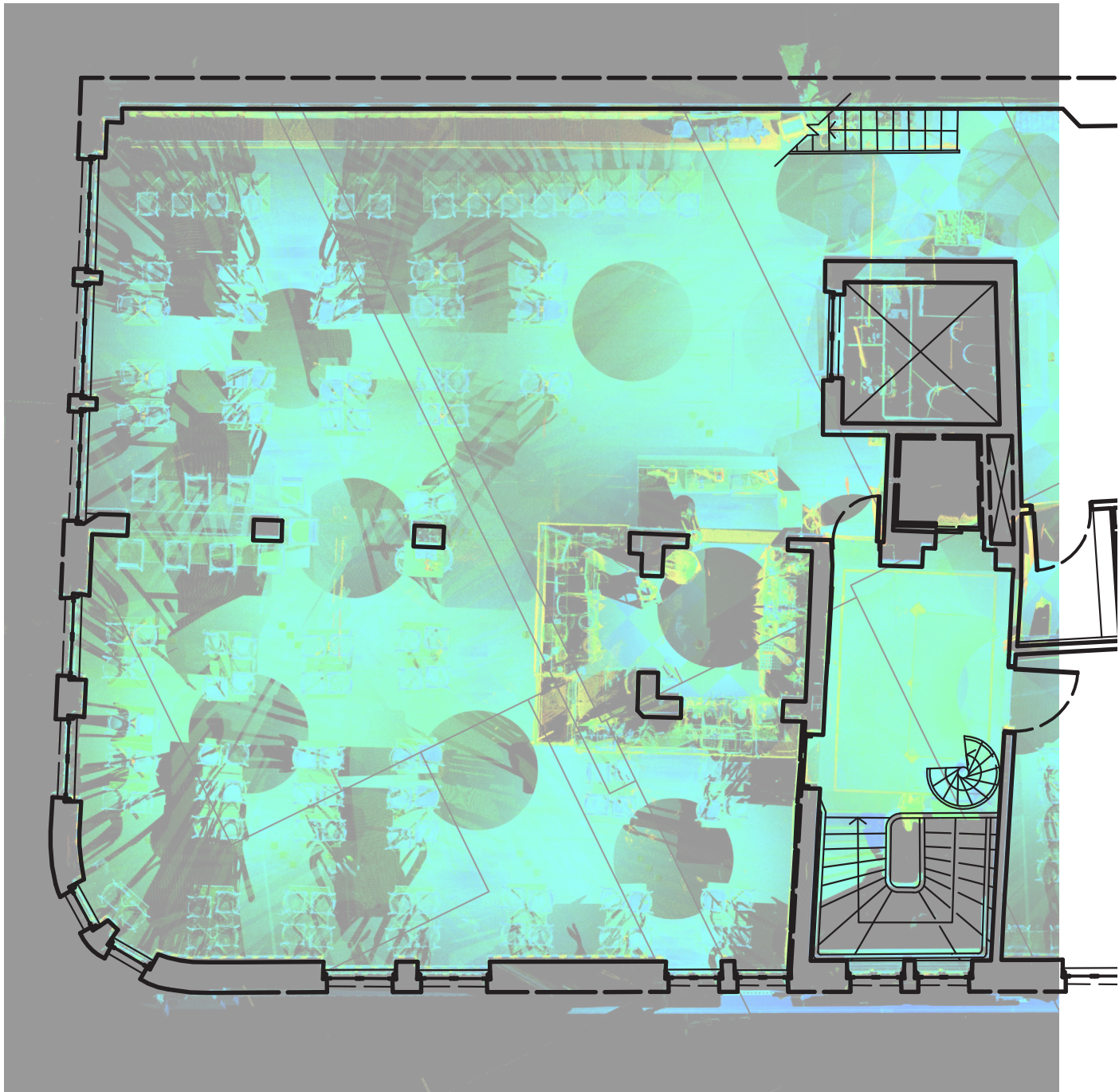


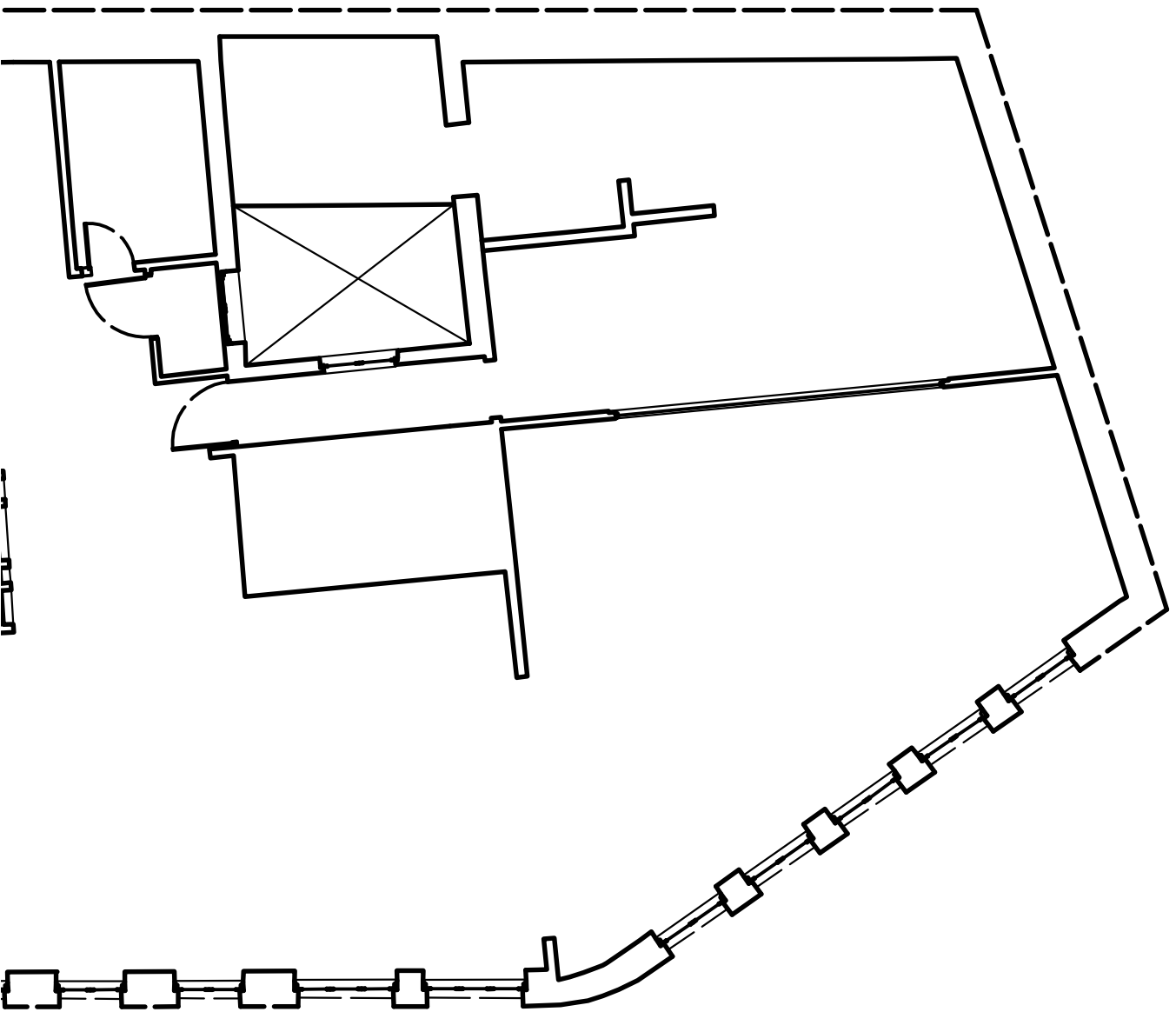






Fachada Largo do Café e Rua do Comércio





Planta do 20 pavimento

Eixos temáticos

O estudo histórico do prédio da antiga Sucursal do Grande Hotel, sito no Largo do Café, esquina com rua São Bento, no centro da capital, foi resumido nos seguintes eixos temáticos que serão apresentados nas pranchas a seguir:

- 1. A cidade e o Largo do Café:** Situação geográfica, implantação, proprietários do imóvel;
- 2. Arquiteto, construtores e datação do projeto:** Análise do partido arquitetônico;
- 3. Questões tectônicas:** Materiais, técnicas e sistema construtivo da fundação à cobertura;
- 4. Linguagem estética e pormenores decorativos:** do geral aos acabamentos.

1. A cidade e o Largo do Café

No centro de São Paulo, a Rua São Bento conecta o Largo de São Bento e o Largo de São Francisco, e forma o chamado “triângulo histórico”, juntamente com as ruas Direita e 15 de Novembro.

No século XIX, a rua e o largo homônimo tornaram-se especialmente conhecidos pela infraestrutura que acomodava quem vinha de fora pelas ferrovias ou diligências, dispondo-se ali uma maior concentração de hotéis e serviços correlatos, na área mais imediata ao trabalho realizado, podemos identificar a localização do Grande Hotel e sua sucursal (objeto deste estudo), o Sportsman, o Grande Hotel de França e o Hotel Itália-Brasil na esquina com a São João (primeiro mapa abaixo).

O proprietário

O prédio da Sucursal do Grande Hotel, objeto do estudo, foi originariamente construído em 1907 para fins comerciais (lojas no térreo e salas de escritórios nos andares superiores) para o empresário e capitalista português Manoel Garcia da Silva, dono da Loja do Japão e responsável pelo loteamento

do Jardim Europa.

Alugado pelo empreendedor Friedrich Glette, dono do fronteiro Grand Hotel, passou a abrigar a filial desse estabelecimento. Foto de 1911 (à direita) mostra o edifício já modificado para o novo uso.

Largo do café

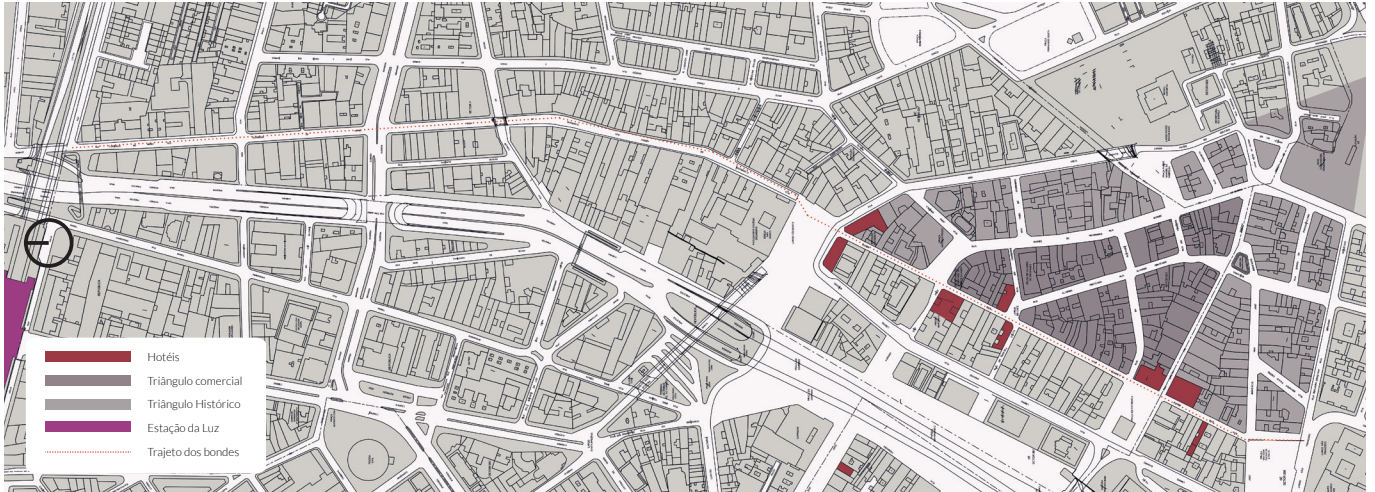
O palacete comercial encomendado por Manoel Garcia da Silva foi implantado originariamente num lote de esquina no cruzamento da rua São Bento, da antiga rua do Comércio (hoje Alvares Penteado), da antiga Travessa do Comércio (hoje Rua do Comércio) e do antigo beco da Lapa (depois Rua do Grande Hotel, hoje rua Miguel Couto). Foi identificado no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional menções à um acordo feito pelo proprietário com a prefeitura municipal no qual ele deveria demolir alguma construção existente no atual largo do café, em troca de uma dívida relacionada à impostos, essa questão precisa ser aprofundada, mas indica que talvez não tenha sido registrada nos autos de desapropriações.

A seriação (6 mapas menores abaixo) criada a partir de plantas antigas da cidade de São Paulo (1877, 1881, 1890, 1895, 1911) revela que contemporaneamente à construção do edifício, possivelmente entre 1907 e 1911, foi aberto o Largo do Café.

Implantação

O palacete comercial ocupa totalmente

um lote de esquina, em formato de L. Em conformidade à legislação da época, por estar no alinhamento, possui fossos de ventilação internos. Seu torreão, valendo-se da angulação da esquina, destaca-se do conjunto da edificação configurando bela perspectiva para quem transita pela Rua São Bento.



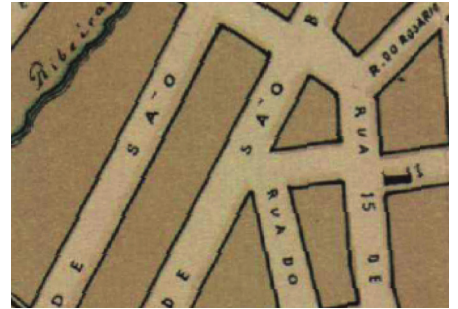
Eixo histórico com indicação de hotéis na região central de São Paulo.



Mapa da Capital da Província de São Paulo, 1877
Autores: Francisco de Albuquerque e Jules Martin
Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional - RJ



Cidade de São Paulo pela Cia. Cantareira de Água e Esgoto
Autor: Henry P. Joyner, 1881.
Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Mário de Andrade



Planta da capital do estado de SP e seus arrabaldes 1890
Autores: Jules Martin
Fonte: Instituto geográfico e cartográfico do Estado de SP



Planta Geral da Capital de São Paulo, 1895.
Fonte: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro



Planta Cadastral e Comercial da Capital de SP, 1911.
Fonte: Acervo do Museu Paulista - USP



Planta da cidade de São Paulo, 1930.
Autor: SARA Brasil
Fonte: CESAD FAU-USP

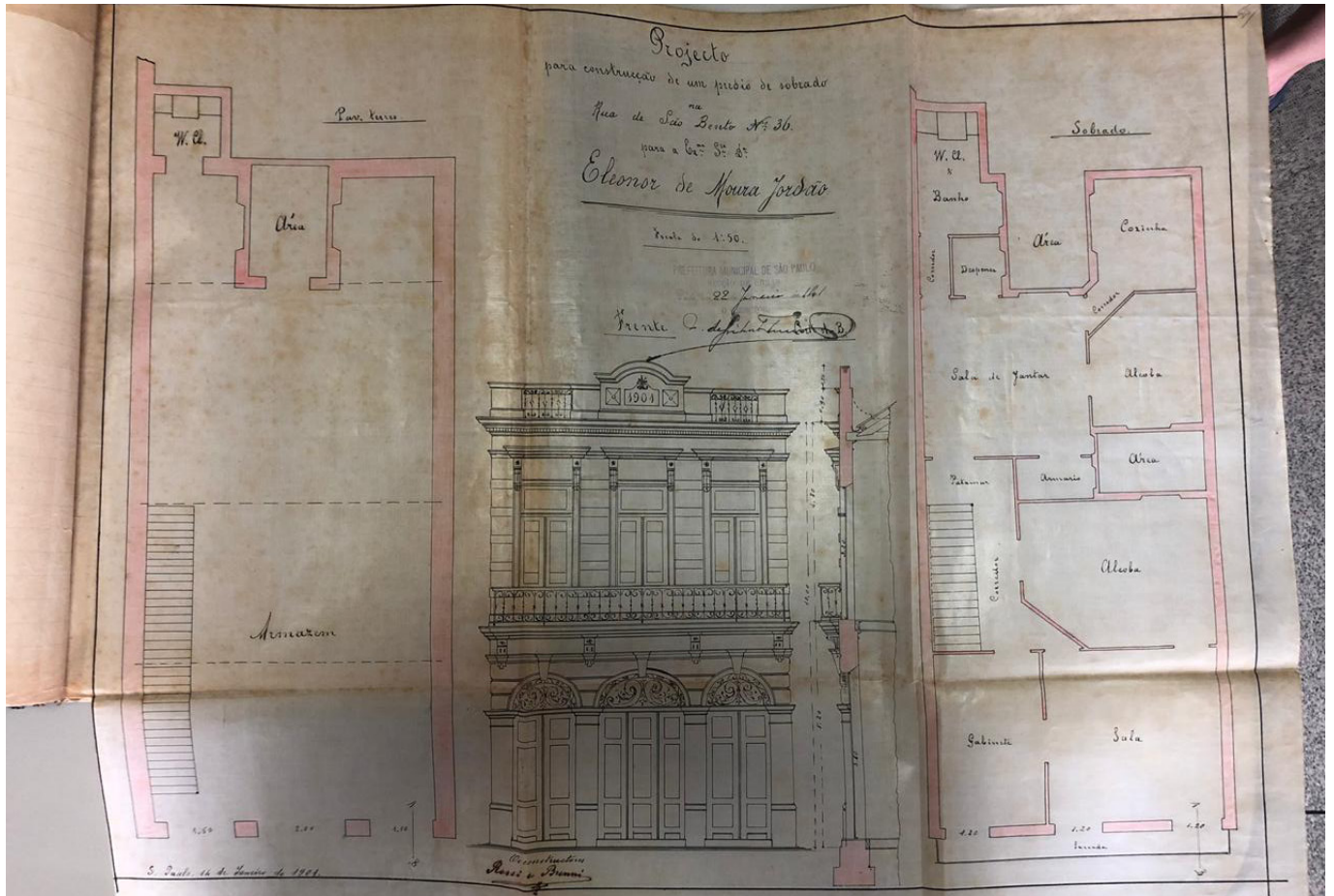
2. O projeto

Com base no projeto e requerimento (abaixo) localizados no Arquivo Histórico de São Paulo, (www.projetosirca.com.br) é possível inferir que o proprietário encomendou o projeto ao engenheiro arquiteto Oscar Kleinschmidt em 1907, encaminhando à Prefeitura planta e fachada para a obtenção da aprovação conforme os ditames da legislação urbanística.

Nos desenhos originais pesquisados, o projeto apresenta planta L; para a Travessa do Comércio havia dois pavimentos e fachada possivelmente falsa. Sucessivamente, em data desconhecida, o projeto foi modificado incorporando edifício vizinho à Rua São Bento vide a imagem do requerimento no final da prancha.

Foi possível constatar que a primeira construção certamente não era de um hotel, seja pela leitura das plantas, seja pelo confronto com a legislação vigente, visto que no capítulo sobre hotéis e casas de pensão do Código Sanitário de 1894, é exigido local bem ventilado e bem iluminado, paredes com divisórias impermeáveis e regras básicas de higiene e lotação.

Sobre Oscar Kleinschmidt, autor do projeto original, pouco é possível afirmar a partir das fontes de pesquisa indicadas. Embora se referencie como engenheiro-arquiteto em seu carimbo, não foi possível inferir, até agora, a formação profissional dele, nem estabelecer relações certas de quando o alemão chegou ao Brasil e até quando permaneceu.



Requerimento para a construção de uma casa assobradada na Rua São Bento, 1901. Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo, (www.projetosirca.com.br)



Paleografia - Solicitação da construção

Manoel Garcia da Silva ... de construir um prédio de sobrado, à rua de São Bento, esquina da Rua do Comércio, vem requerer aprovação das plantas respectivas, alinhamento e nivelamento em ambas as ruas

O ... apresentará em tempo a ... de fachada, ...

São Paulo, 9 de janeiro de 1907.

Manoel Garcia da Silva

—

Resposta:

Ao ... R. da Lima.

11 de janeiro de 1907

... Sr. Diretor,

O projeto ... está de acordo com o padrão pelo que pode ser aprovado; isto quanto à distribuição dos cômodos e pés direitos dos ... pavimentos do edifício; há porém uma parte, para a qual chamo a vossa atenção por me parecer que depende de licença especial que é a ocupação ... do passeio, fora do alinhamento, com as lucar... as para a iluminação do subterrâneo.

Alinhamentos:

Na rua de São Bento, com extensão de 7,95 pelo prédio...; na travessa do comércio com a extensão de 10,34 metros pelo prédio ...;

Na rua do comércio, em frente ao Banco Inglês, por (essas linhas?) ligando os extremos dos dois alinhamentos acima indicados, extensão 27, 53 metros

Total dos alinhamentos 45,82 metros.

O prédio superfície de 366,690 m² e terá três pavimentos. O seu valor é portanto 366,69 x 120,000 - 20%

35.202,24 \$

São Paulo, 14 de janeiro de 1907.

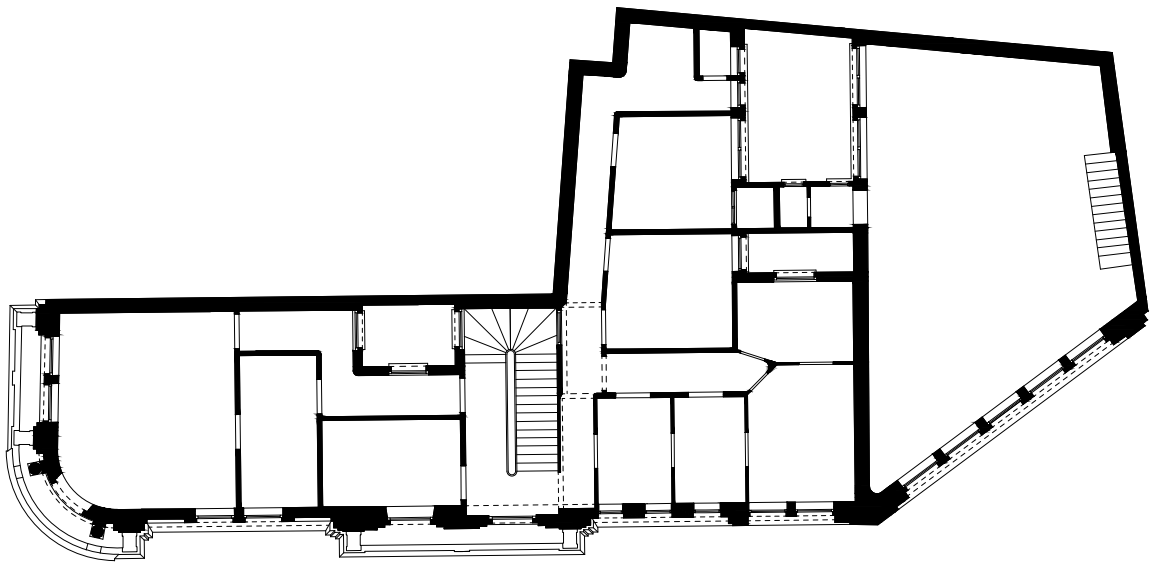
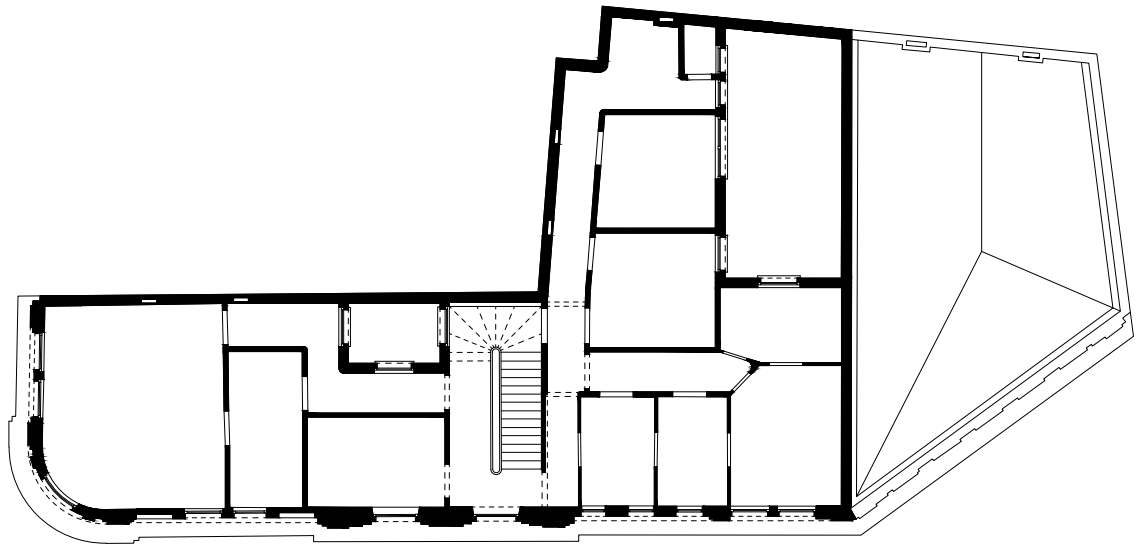
Assina: Ribeiro da Silva

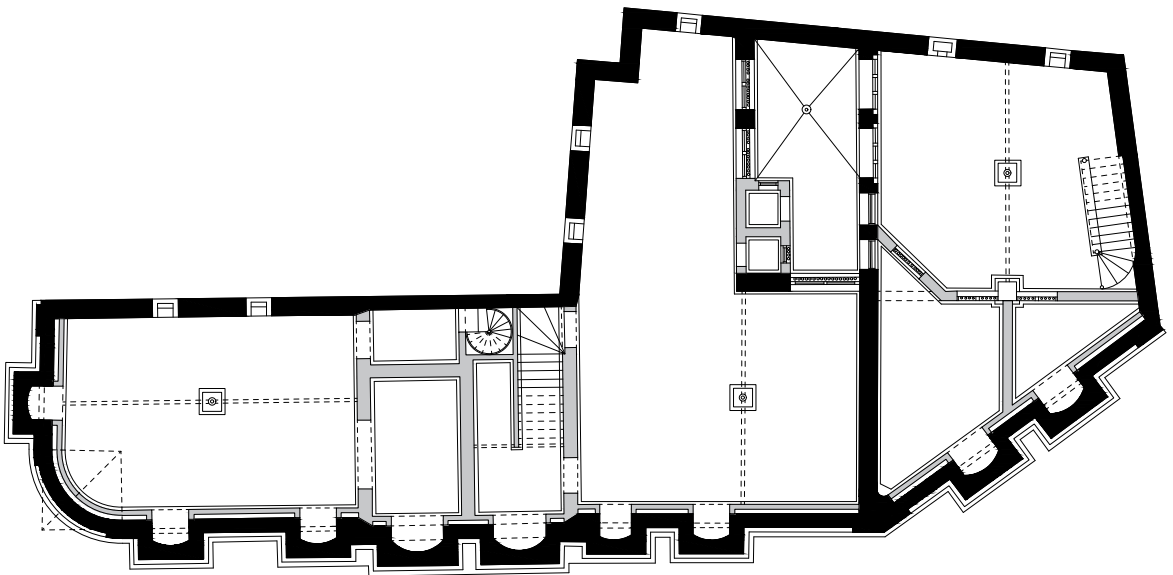
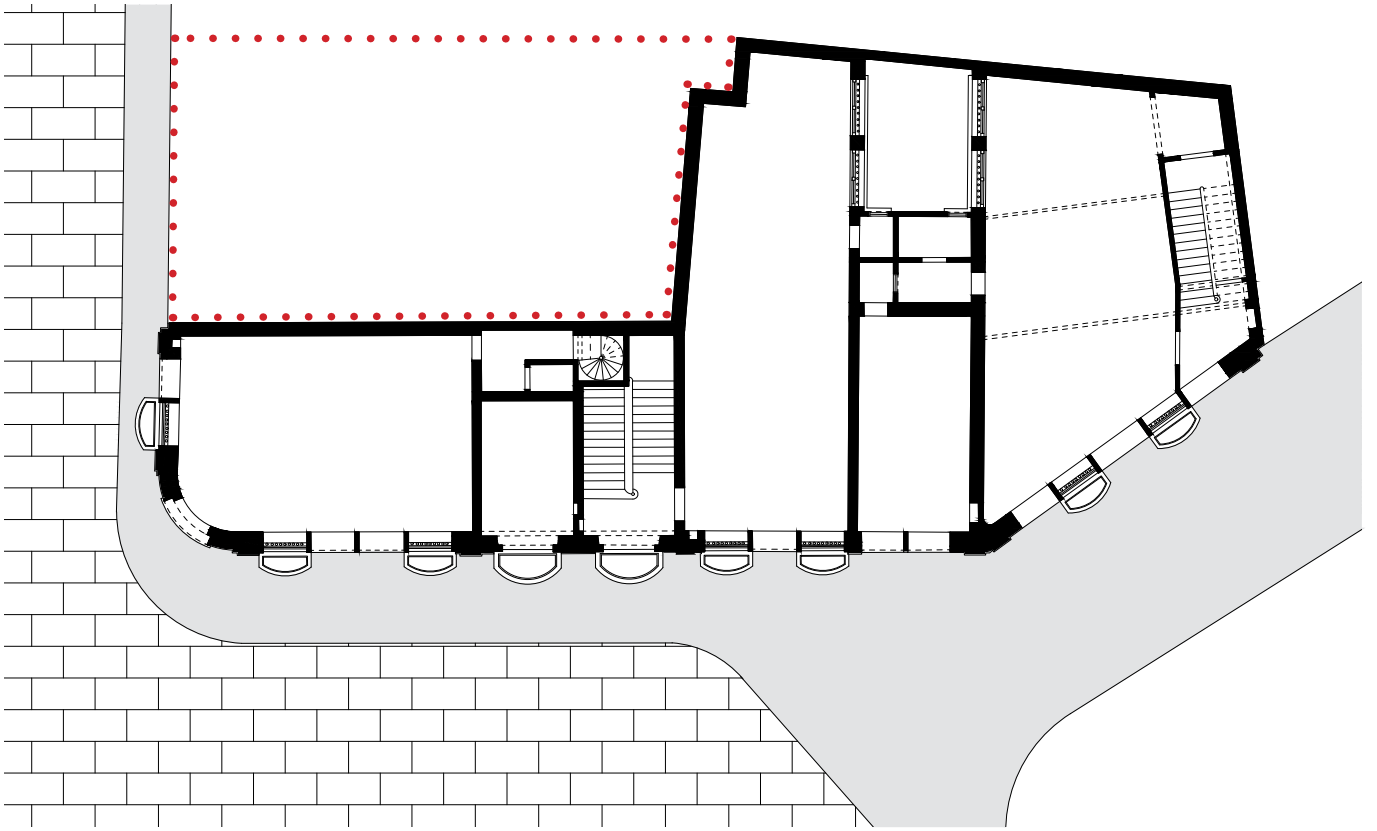
—

À Secretaria Geral,

A respeito da ... para iluminação do subterrâneo ... que ela não deve ... por causa das dimensões reduzidas das ruas de São Bento e Travessa do Comércio. Para o ... 16 de janeiro de 1907.

Assina: o diretor





3. Questões tectônicas

Trata-se de um edifício que mescla diversos materiais, técnicas e sistemas construtivos. Predominantemente de alvenaria de tijolos auto-portante, observa-se o emprego de estrutura metálica especialmente nos vãos e para a sustentação dos pisos dos pavimentos.

Fundações

A sapata corrida de alvenaria foi um tipo de alicerce muito utilizado nas construções até as primeiras décadas do século XX, antes do uso mais frequente do concreto armado. Em se tratando de um edifício autoportante de tijolos, na ausência de concreto armado, as fundações apresentam algumas particularidades construtivas.

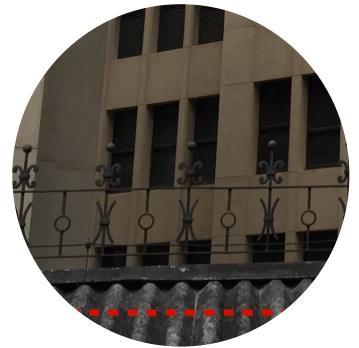
Como se estrutura a fundação de um edifício autoportante de tijolos? Com base em dados inferidos a partir do exame das fundações do edifício do Museu do Ipiranga, de mesma natureza, é possível dizer que este sistema construtivo se divide em 6 passos.

Primeiro, é feita a abertura da vala por todo o perímetro do edifício. A sapata corrida se localiza abaixo de todas as paredes externas da Sucursal, servindo de base para as estruturas dos andares subsequentes. Após a escavação, é feito o apiloamento do solo de forma manual, com um soquete (maço) de 10 a 20kg, unicamente com o objetivo de conseguir a uniformização do fundo da vala, não buscando o aumento da resistência do solo.

Em seguida, é aplicada uma camada de concreto magro (concreto com baixos índices de cimento, dando mais importância aos agregados –



Pilar em ferro fundido



Crista em ferro forjado



Estrutura metálica



Esquadrias em madeira



Telhado em ardósia



Estrutura do telhado em madeira



pedra e areia), buscando diminuir a pressão de contato entre o solo e o alicerce e uniformizar e limpar o piso sobre o qual será disposta a alvenaria. O assentamento dos tijolos é feito de forma que o alicerce seja mais largo que a espessura das paredes, e seu respaldo deve ficar acima do nível do terreno, a fim de evitar o contato das paredes com o solo.

Após a execução da impermeabilização das fundações, é realizado o reaterro das valas em camadas de até 20cm bem compactadas.

Estrutura e cobertura

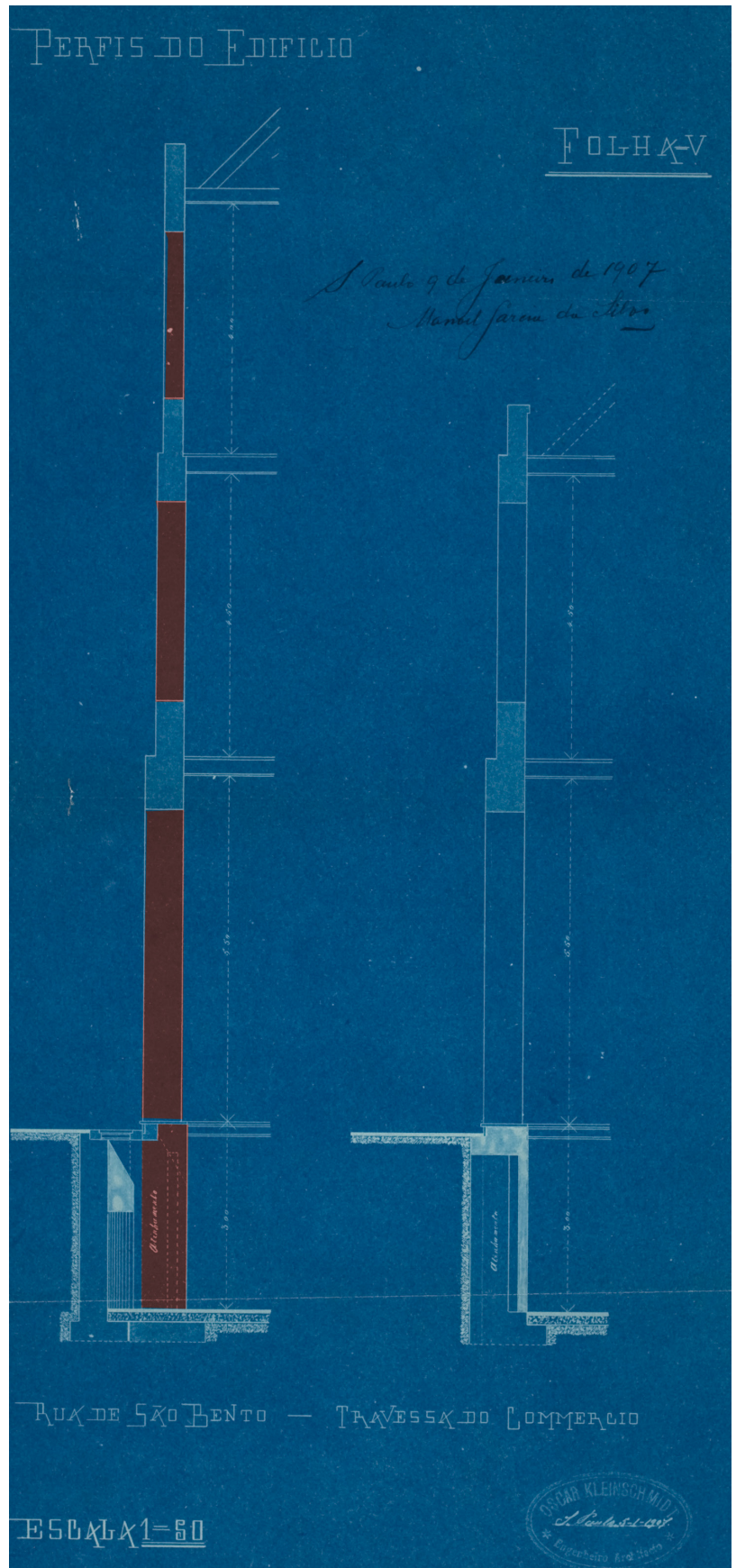
Analisando as plantas mantidas pelo Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, percebe-se no subsolo paredes espessas construídas ao longo de todo o perímetro do lote e que atuam como muros de contenção e sustentação dos andares superiores (térreo mais dois pavimentos). No centro das duas grandes lajes que cobrem o espaço, encontram-se dois pilares de seção avantajada (muito provavelmente metálicos com revestimento em alvenaria de pedras ou tijolos), os quais sustentam possíveis vigas metálicas paralelas ao alinhamento da rua e que foram representadas no desenho através de projeções. As paredes entorno da escada principal apresentam

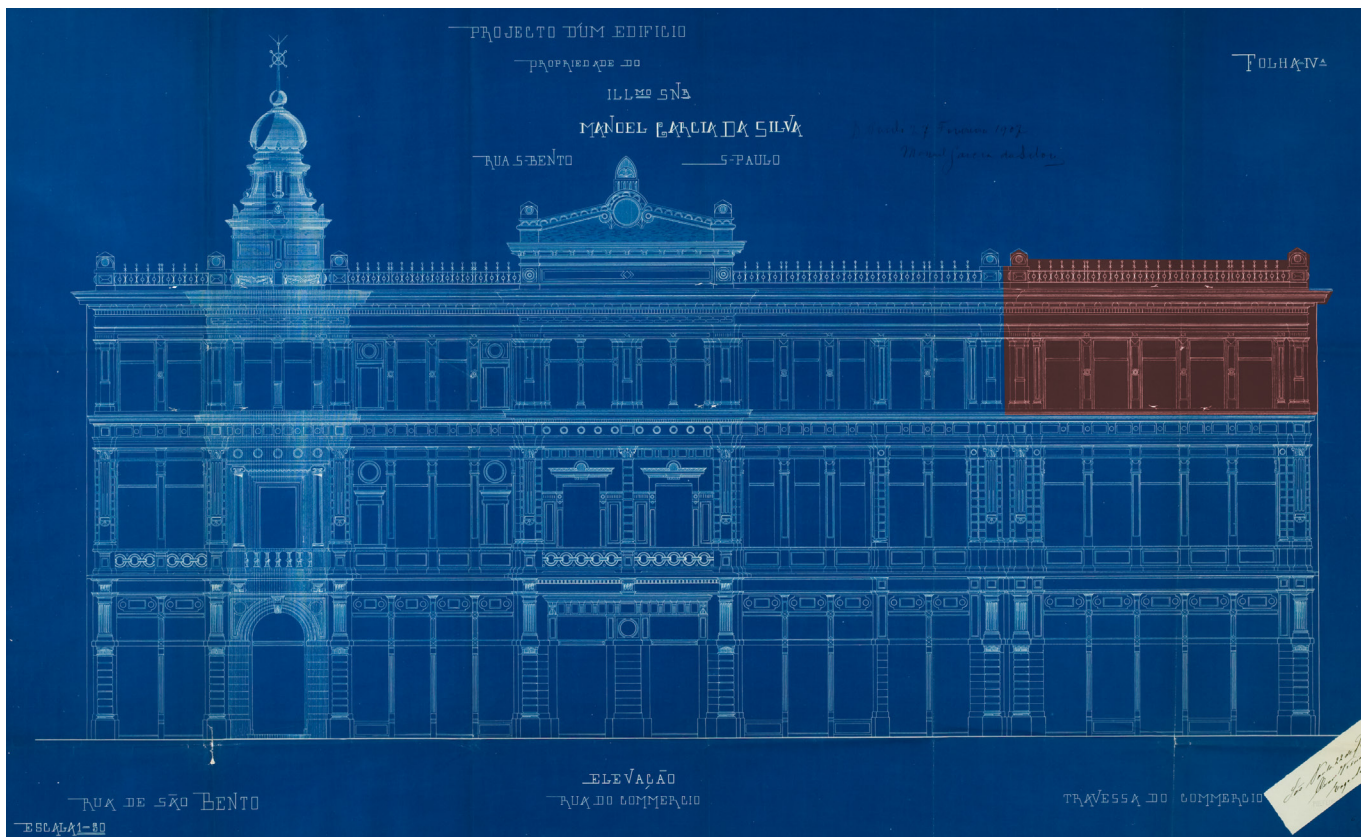
maior espessura, cumprindo também função estrutural.

Já no térreo, as paredes em alvenaria diminuem parcialmente de espessura e surgem nas plantas alguns esbeltos pilares de ferro fundido visíveis na fachada, especialmente nos vãos das portadas. Em função da necessidade de salas maiores destinadas ao uso comercial do térreo, a planta do andar possui poucas paredes divisórias internas, logo, os pilares metálicos cumprem função de reforço estrutural à sustentação dos pavimentos superiores e também aos grandes vãos das envasaduras voltas à comunicação direta com a rua.

Com base na leitura das plantas dos pavimentos, pode-se formular a hipótese de que vigas metálicas estruturam o piso dos andares superiores, substituindo os tradicionais barrotes de madeira e apoiando o assoalho.

As paredes divisórias das salas dos pavimentos superiores, por não exercerem função estrutural, apresentam espessura reduzida em relação às da fachada, do térreo e do subsolo. Por servir apenas como vedação e divisão do espaço conforme a necessidade de uso, possibilitaram demolições e reconstruções que não comprometeram o sistema





Projetos originais do edifício no Largo do Café, 1907.

Autor: Oscar Kleinschmidt

Fonte: Arquivo Histórico de São Paulo (www.projetosirca.com.br)

de sustentação do edifício; assim, as salas comerciais projetadas originalmente, foram substituídas por quartos de hotel e posteriormente por uma planta mais livre que abriga atualmente restaurantes*.

**por meio de análises iconográficas, percebemos que algumas reformas ocorridas no imóvel aumentaram sua área útil; como a anexação do sobrado vizinho pertencente à D. Eleonor de Moura Jordão e posterior reforma da fachada para manter o estilo, ritmo e ambiência do conjunto, além da construção do terceiro pavimento na porção voltada à Travessa do Comércio, onde na planta original era um espaço vazio apenas com a fachada falsa.*

A cobertura é do tipo francês originalmente

com telhas de ardósia e mansardas.

O levantamento com drone permitiu constatar que a cobertura passou por reformas e as telhas originais foram parcialmente substituídas por elementos em amianto.

A platibanda decorativa presente na elevação frontal apresentada à Comissão de Obras e Viação, deveria apresentar calhas de condução das águas pluviais (exigência do Código Sanitário de 1894). No mesmo conjunto de desenhos técnicos apresentados à municipalidade para a aprovação do projeto, também percebemos a ausência do último pavimento na porção do edifício voltada à Travessa do Comércio, estando, então o segundo pavimento coberto por um

telhado em três águas exigindo um sistema estrutural e funcional mais sofisticado e com novas tecnologias agregadas.

Carimbos localizados nas ferragens permitiram constatar que foram fundidas localmente, na Fundação do Brás* pertencente ao Coronel Francisco Amaro.

* “Esse importante estabelecimento industrial, fundado em 1892 pelo seu atual Presidente e ex-proprietário, o Coronel Francisco Amaro, sob a denominação de ‘Fundação do Brás’, pela qual ainda é hoje conhecido, passou em 1910 a ser propriedade de uma sociedade anônima organizada pelo mesmo Sr. Coronel Francisco Amaro, sob título de ‘Companhia Metalúrgica e Importadora Paulistas’. [...] Tem os seus escritórios comercial e técnico à rua Correia de Andrade, 20, no Brás, o bairro industrial da Capital do Estado de São Paulo, onde também funcionam as suas vastas oficinas, que ocupam, com os grandes armazéns e depósitos, uma área de 3.000 metros quadrado. As suas oficinas, providas de poderosas máquinas aperfeiçoadas que são acionadas por força motora e por eletricidade, dividem-se em seções de fundição, mecânica, ferraria, caldeiraria, carpintaria e modelação, e dão trabalho diariamente a 150 e até 180 operários, no fabrico constante de máquinas para a lavoura de café, arroz, cana e algodão, serras francesas e americanas, fundição de sinos e peças de ferro para a construção e ornamentação de prédios, turbinas, comportas, tubos e materiais para serviço sanitário, vagões para estradas de ferro, etc. Construíram estas oficinas as pontes e tubos condutores de água do Cabuçu e Guarahú,

a fachada artística da Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, as estruturas metálicas do Palacete Briccola, Hotel d’Oeste, Teatro Colombo, as colunas artísticas do Teatro Municipal, diversos elevadores, polias de 3 metros de diâmetro para fábrica de tecidos Votorantim, material rodante para a linha férrea da Cantareira e tantas obras artísticas e de grande importância fundidas em ferro e em bronze.”(Impressões do Brasil no Século Vinte, op. cit., p.692.). (KÜHL, 1998, p. 117 apud Impressões do Brazil no Século Vinte).

Envazaduras

As envazaduras, portas e janelas mantêm-se originais. A serralheria artística está conservada assim como o madeiramento das esquadrias dos andares superiores. A vidraçaria bisotada encontra-se em bom estado de conservação.

Revestimentos e ornamentos

Edifícios construídos em alvenaria de tijolos funcionavam como suporte ideal às ornamentações em argamassa cimentícia próprias do ecletismo. No ‘Dicionário da Arquitetura Brasileira’ de 1972, Corona e Lemos descrevem que “genericamente dá-se o nome de estuque a toda a argamassa de revestimento que depois de seca adquire grande dureza e resistência ao tempo”. A argamassa cimentícia aplicada com o intuito de simular revestimentos pétreos é chamada de pedra fingida e apresenta boa resistência às intempéries sendo, então, um material muito apropriado a aplicações em fachadas externas.

O detalhamento de ornamentos, assim como cornijas e frisos, poderiam ser executados em estuques compostos de pó de mármore, gesso, cal, mais comuns e baratos que o cimento ainda importado. A restauradora Márcia Guidoti descreve o processo da técnica de estucaria da seguinte forma:

“era colocado sobre a superfície dos muros um trilho de madeira, sobre o qual corria uma matriz da forma desejada. Esta era desenhada e recortada sobre uma superfície metálica e fixada ao trilho de madeira, para que seu perfil, ao correr sobre a massa aplicada à parede, reproduzisse o relevo idealizado. Geralmente, a confecção desses adereços era executada por três pessoas:

uma à frente, chapando a massa e as outras duas na sequência, conduzindo o carrinho com o perfil do friso.”

Reis Filho (1970, p. 163) descreve que, à época, no acabamento interno dos forros de madeira “usavam-se tábuas mais estreitas, que formavam painéis com o quadriculado das vigas de sustentação e, fossem pintados ou envernizados, recebendo, quase sempre, aplicações de madeira recortada. Nas salas e dependências de maior valorização social, eram mais empregados os forros de estuque, com pinturas e ornamentos em relevo”.

4. Linguagem estética

O caso estudado

A descaracterização do espaço interior do edifício projetado por Oscar Kleinschmidt à Rua São Bento/Largo do Café leva a olhar com maior atenção o exterior do edifício e com maior cautela o que se tem internamente.

A elevação foi apresentada à municipalidade em 1907 em prancha única, indicando, sob o desenho, os trechos voltados para cada rua – Rua São Bento, Rua do Comércio (atual Álvares Penteado) e Travessa do Comércio (atual rua de mesmo nome).

O edifício apresenta composição homogênea, marcada por regularidade no ritmo entre os cheios e vazios. No entanto, nota-se clara diferenciação no emprego dos elementos decorativos de cada pavimento que permite destacá-los.

Em termos compositivos, nota-se destaque a dois corpos do edifício por meio de um torreão disposto na esquina da São Bento com o Largo do Café. A diferenciação em altura e o tratamento formal marca ao menos simbolicamente uma entrada principal do edifício, embora, na prática, em se tratando de palacete comercial devotado a diversos inquilinos, cada loja tenha acesso independente. Atendendo a uma necessidade estética, o torreão funciona tanto como um eixo de simetria como um marcado do edifício na paisagem urbana. É nesta parte da fachada onde se encontra o único arco empregado por Kleinschmidt (no térreo), e também as únicas colunas com capitéis jônicos (no primeiro andar). A presença

do balcão com balaustrada na esquina do primeiro andar reforça a relevância atribuída a esta parte da fachada.

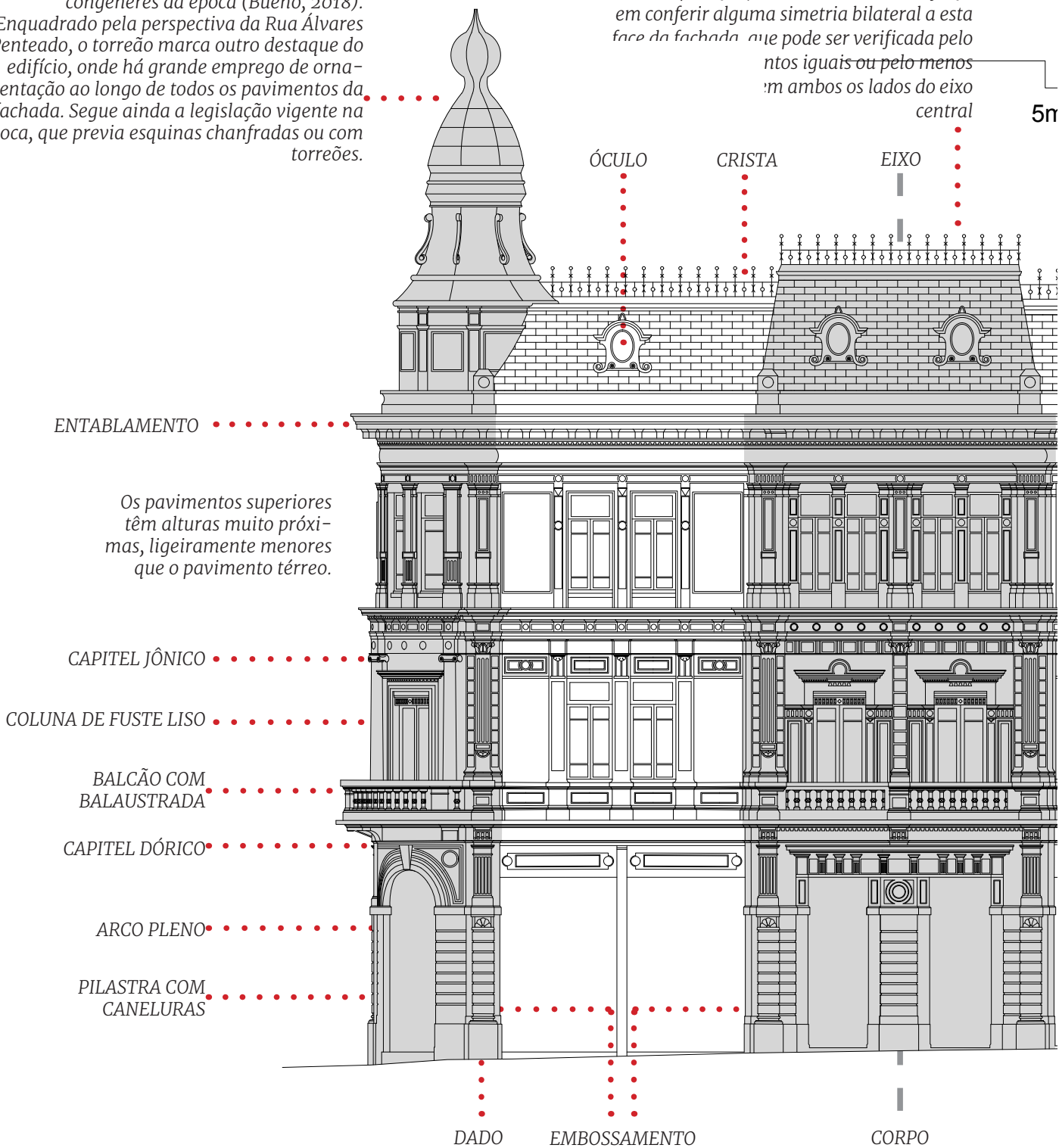
Vale pontuar também que, não obstante esteja em conformidade com exigências municipais de alocar nas esquinas torreões ou chanfros e seguir a tendência de outros palacetes comerciais contemporâneos (BUENO, 2018), o torreão projetado por Oscar Kleinschmidt é ainda enquadrado pela perspectiva da atual Rua Álvares Penteado, fato que provavelmente foi considerado no momento do projeto.

Desta forma, o edifício é composto de três grandes corpos não simétricos, destacados pelo torreão e um corpo saliente centralizado no eixo do Largo do Café, aberto concomitantemente à construção do edifício. Neste segundo corpo em destaque fica o acesso principal aos pavimentos superiores através de uma escada de madeira. Nele, além do balcão, nota-se assim como na esquina, um tratamento cuidadoso da ornamentação que envolve as janelas, além de rígida simetria bilateral.

Ainda em termos compositivos de conjunto, outro aspecto que salta aos olhos é a relação interior-exterior do segundo andar. Na planta nota-se que não se pretendia construir na altura da Travessa do Comércio, enquanto a elevação (entregue posteriormente) nos mostra que a fachada para este trecho foi desenhada. Em resposta a esta contradição formula-se a hipótese de que foi desenhada uma fachada “falsa” para este trecho a fim

O Torreão na esquina da Rua São Bento com o Largo do Café se assemelha aos dos edifícios congêneres da época (Bueno, 2018). Enquadrado pela perspectiva da Rua Álvares Penteado, o torreão marca outro destaque do edifício, onde há grande emprego de ornamentação ao longo de todos os pavimentos da fachada. Segue ainda a legislação vigente na época, que previa esquinas chanfradas ou com torreões.

O destaque de um corpo central, que indica uma tripartição, revela também um esforço em conferir alguma simetria bilateral a esta face da fachada, que pode ser verificada pelos pontos iguais ou pelo menos em ambos os lados do eixo central



Os vãos dos andares superiores correspondem às aberturas do térreo. Além disso, todas as janelas têm larguras semelhantes conferindo ritmo à fachada.

Ausência do telhado em mansarda, presente em edifícios de estilo neoclássico.

Ritmo bastante rigoroso entre cheios e vazios, com rígida simetria bilateral.

10m
Telhado em ardósia, característico da França

EIXO CENTRAL

DENTÍCULOS

CAPITEL CORÍNTIO

Fachada Largo do Café Fachada Rua do Comércio

de conferir maior equilíbrio ao exterior do edifício, evitando-se um “dente” no pavimento. Fato é que hoje o trecho está edificado.

No que diz respeito ao ritmo das aberturas, há uma nítida regularidade entre os cheios e vazios, respeitando uma mesma modenatura tanto no pavimento térreo como nos andares superiores. Assim, a reprodução das linhas gerais do térreo nos andares superiores confere ao todo um aspecto homogêneo e rítmico, embora cada pavimento seja marcado pelo uso de elementos decorativos diferenciados.

No que diz respeito ao corpo da fachada que se estende pela atual rua do Comércio, é fato que este é mais modesto em termos de motivos decorativos.

Por outro lado, quanto à decoração é indiscutível sua formalidade e adesão ao sistema classicista. Na base do edifício destacam-se as bossagens ou rusticações; no corpo, o emprego de elementos como colunas e pilastras caneladas, capitéis gregos, entablamento, dentículos, além do cuidado compositivo com ritmo, tripartição e simetria. Nota-se a liberdade típica do Ecletismo na manipulação do vocabulário e da sintaxe clássica, onde capitéis jônicos coroam fustes lisos, o dórico e o coríntio compartilham do mesmo espaço compositivo e a simetria especular é colocada de lado. Ainda assim, os elementos clássicos estão colocados pelo arquiteto, e sua presença tem um valor simbólico e ideológico evidentes.

Como era comum entre seus

contemporâneos, Kleinschmidt certamente bebeu na tratadística acadêmica, mesmo que indiretamente através de manuais ou repertórios que circulavam amplamente entre construtores, como o tratado de Vignola. Assim, optar pelo sistema clássico, longe de ser arbitrariedade significou mobilizar conscientemente recursos imagéticos que conferem dignidade à obra, não só lhe dando lugar de destaque na paisagem, mas também status de importância pelo seu caráter decoroso.

A decoração condiz ao epíteto “Palacete Comercial” atribuído à época a esse programa de edifício devotado ao uso misto, com lojas no térreo e salas de escritório nos andares superiores. Da mesma forma, atendeu à mudança de uso imposta à adaptação do prédio ao uso de hotel.

Convém salientar que, além da proximidade, a Surcusal do Grande Hotel dialoga com sua matriz fronteira por meio da mesma linguagem estética. Em ambos, há uma clara opção pelo classicismo francês dos séculos XVI e XVII, aludindo às obras de Jacques Androuet de Cerceau e François Mansard.

Junto do uso da linguagem decorativa classicista, nota-se o emprego precoce de elementos metálicos pré-moldados na sustentação das portas e do piso dos andares superiores, confeccionados pela Fundação do Brás, portanto em solos paulistanos.

Acervos Consultados

Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP). Série Obras Particulares.

Acervo do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís.

Hemeroteca Digital: Biblioteca Nacional (RJ) : Correio Paulistano século XIX e início do XX. < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Acervo do Arquivo do DESAP – Departamento de Desapropriações

Acervo do Arquivo do Departamento de Projetos de Infraestrutura Urbana

Bibliografia

ALAMBERT, Clara Correia d'. O tijolo nas construções paulistanas do século XIX. São Paulo: Mestrado FAUUSP, 1993.

BARBUY, Heloisa. A Cidade – Exposição. Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860 – 1914. São Paulo: EDUSP, 2006.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. A cidade como negócio: mercado imobiliário rentista, projetos e processo de produção do Centro Velho de São Paulo do século XIX à Lei do Inquilinato (1809–1942). São Paulo: Tese de Livre Docência FAUUSP, 2018.

_____. São Paulo: um novo olhar sobre a história: a evolução do comércio de varejo e as transformações da vida urbana. [S.l.: s.n.], 2012.

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. [S.l.: s.n.], 1989.

DA COSTA, Cacilda Teixeira. O Sonho e a Técnica: A Arquitetura de Ferro no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2001.

EPRON, Jean-Pierre. L'architecture et la regle : essai d'une theorie des doctrines architecturales. Bruxelles : Mardaga, 1981.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo : reflexões sobre a sua preservação. São Paulo: FAPESP, 1998.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Alvenaria burguesa: Breve Histórico da Arquitetura Residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. [S.l.: s.n.], 1985.

NOBLE, André; VALENTIN, Jailson. Elementos Funcionais e Ornamentais das Fachadas Ecléticas Pelotenses: 1970–1931. Estuques. Santa Catarina: Centro de Artes UFPEL.

PETRELLA, Yara Lígia M. M.; PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Museu Paulista: um edifício de técnica tradicional de construção de alvenarias. 2008. Universidade de

São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11112010-153603/?&lang=pt-br> >.

REIS FILHO, Nestor Goulart. São Paulo Vila Cidade Metr pole. São Paulo: Takano Editora Gráfica, 2004.

_____. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SALMONI, Anita. DEBENEDETTI, Emma. Arquitetura italiana em São Paulo. São Paulo: Perspectiva. 1981.

SANTOS, Regina Helena Vieira. Rua São Bento: um fragmento da cidade de São Paulo que registra as transforma es e persistências na paisagem urbana. São Paulo: Tese de Mestrado FAUUSP, 2008.

_____. Rua São João: o boulevard paulistano da Primeira República (1889-1930). São Paulo: Tese de Doutorado FAUUSP, 2017.

SUMMERSON, John Newenham. Linguagem Clássica da Arquitetura. São Paulo : Martins Fontes, 2006.



FAU.USP 2018